

CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

CONTEMPORÂNEO:

ESPECIFICIDADES DO VERBO DEIXAR

Manoel Bomfim Pereira¹, Heloisa Salles²

¹Unb/CAPES

Brasília, DF, 71691-421, Brasil

²Unb

Brasília, DF, 71690-000, Brasil

uesb2006@gmail.com, hsalles@unb.br

Resumo

Este trabalho representa um recorte da discussão empreendida nos estudos linguísticos atuais sobre as construções causativas no Português Brasileiro (PB). Consideraremos a codificação das construções que ocorrem com verbos inacusativos na cláusula subordinada, com vistas a identificar os fatores sintáticos que atuam no licenciamento de alguns tipos de estruturas causativas e os que restringem a ocorrência de outras. Concluímos que, nessas estruturas, encontramos restrições que, por hipótese, referem-se à natureza do verbo da sentença subordinada, seu aspecto e transitividade; ao tipo do verbo causativo e à ocorrência da reflexivização da estrutura causativa.

0 INTRODUÇÃO

Este trabalho representa um recorte da discussão empreendida nos estudos linguísticos atuais sobre as construções causativas no Português Brasileiro (doravante PB).

Baseando-nos no quadro teórico da gramática gerativa, mais especificamente no programa minimalista e na teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) (Chomsky, 1981 e seguintes) [1][2], consideraremos, para o trabalho, a codificação de orações completivas selecionadas por verbos causativos, examinando, em particular, a distribuição das mesmas em termos da transitividade do verbo encaixado. Considera-se, portanto, as construções que ocorrem com verbos inacusativos na cláusula subordinada, bem como aquelas em que ocorrem processos de intransitivização (como a reflexivização), com vistas a identificar os fatores sintáticos que atuam no licenciamento de alguns tipos de estruturas causativas, por um lado, e os que restringem a ocorrência de outras, por outro.

A motivação para esta discussão resulta do fato de observarmos que a gramática do PB licencia um número maior de construções com os verbos 'fazer' e 'deixar', do que com o verbo 'mandar', conforme ilustrado em (1) e (2):

- (1) Eu fiz/deixei cair o véu
(2)*Eu mandei cair o véu.

Além disso, verificamos que o verbo 'deixar' licencia um maior número de construções do que os verbos 'fazer' quando a reflexivização está envolvida, como ilustrado em (3) e (4):

- (3) Eu me deixei cair
(4)*Eu me fiz cair.

Configura-se, portanto, uma situação em que a

impossibilidade de ocorrer o verbo 'fazer' exclui também o verbo 'mandar', como em '*Eu me mandei cair'.

O trabalho encontra-se estruturado como a seguir: na seção 1, temos a sistematização de propriedades das construções causativas, na perspectiva da gramática gerativa; na seção 2, discutimos e analisamos as construções causativas com verbos inacusativos na cláusula subordinada, bem como, abordamos o fenômeno da reflexivização; por último, na seção 3, são apresentadas as considerações finais.

1 CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS: BREVE DISCUSSÃO

As construções causativas exprimem uma relação causa-efeito, que se estabelece entre dois eventos denotados pelo verbo causativo e pelo verbo infinitivo da sentença completiva. De acordo com a tradição gramatical, são causativos no PB os verbos 'fazer', 'deixar' e 'mandar', conforme a sentença em (5).

- (5) Pedro fez/deixou/mandou o menino sair.

Perini (1977) [3], em 'Gramática do infinitivo no português', sem fazer uso da nomenclatura 'causativo', afirma que os verbos 'mandar', 'deixar' e 'fazer' podem ter como complemento orações com infinitivos ou orações finitas, no subjuntivo, introduzidas pela conjunção 'que', conforme ilustrado em (6) e (7).

- (6) Pedro mandou Matias subir no mastro.
(7) Pedro mandou que Matias subisse no mastro.

Conforme o autor, a interpretação semântica de causação direta é característica das sentenças nas

quais os complementos dos verbos mandar/deixar/fazer são orações infinitivas, como em (6). Inversamente, em (7), é admitida a interpretação em que a causação é indireta, ou seja, o *causador* não age diretamente sobre o *causado*.

Noonan (1985) [4] postula que os verbos causativos expressam uma relação entre um *causador*, um *causado* e a situação resultada, sendo que o *causado* deve fazer parte da ação resultada. Considerando, portanto, os exemplos em (6) e (7), temos como *causador* o NP 'Pedro'; como *causado*, o NP 'Matias' e, por fim, como ação resultada a estrutura oracional 'subir no mastro'.

Assim, em termos formais, estruturas semelhantes a (6) são introduzidas pelo verbo no 'Inf', com o NP *causado* realizado como objeto da sentença matriz, ao passo que as semelhantes a (7) são introduzidas pelo complementizador 'que', com o *causado* realizado como sujeito da oração encaixada.

Guasti (1996) [5], discutindo as construções causativas do italiano, mostra que as construções causativas com o verbo encaixado, transitivo, podem ser construídas (i) com o *causado* realizado como um dativo, designadas como estruturas *Faire-Inf*, doravante FI e (ii) com o *causado* realizado como um oblíquo, introduzido pela preposição 'da', que corresponde à preposição 'por' do português. Este segundo tipo, conforme a autora, é designado como *Faire-par*, doravante FP. As causativas do tipo (i) e (ii) estão ilustradas em (8) e (9), respectivamente¹. A autora propõe que o *causado* dativo é um argumento, enquanto o *causado* oblíquo é um adjunto.

- (8) Ho fato reparare la machina a Gianni
 (9) Ho fato reparare la machina da Gianni.

Borges (2008)[6] comparou construções causativas do português do Centro- Oeste dos séculos XVIII-XIX e do PB atual, mostrando que no PB atual identifica-se um uso preferencial da oração infinitiva, com o verbo da oração subordinada no infinitivo, com ou sem flexão, sendo o *causado* realizado categoricamente sem preposição, em posição anteposta ao verbo (SV). Dessa forma, podemos inferir que, no PB, as estruturas cuja configuração sintática é semelhante a (6) são mais produtivas que aquelas que se assemelham a (7).

Cyrino (2008) [7], ao tratar de predicados complexos, afirma que no PB não existem as construções do tipo FI. Segundo a autora, FI é um tipo de predicado complexo, ou seja, é uma estrutura que se organiza sob a forma de [verbo finito + verbo não-finito]. Para que seja possível este predicado complexo é necessário existir um ambiente sintático no qual um sistema de traços C-T seja defectivo. Cyrino afirma que o PB não tem um sistema C-T defectivo e, por isso não apresenta um ambiente propício para a existência de um predicado complexo do tipo FI.

¹ A sentenças em (1) e (2) correspondem em português, respectivamente, a "Eu fiz consertar o carro a Gianni" e " Eu fiz consertar o carro por Gianni".

A formação do predicado complexo está associada a outro fenômeno da sintaxe de construções causativas, que é a subida do clítico, ilustrada em (10) e (11), em que o *causado* é realizado como pronome acusativo se o verbo encaixado é intransitivo, e como pronome dativo, se o verbo encaixado é transitivo.

- (10) Pedro mandou-o sair
 (11) Pedro mandou-lhe abrir a porta

Cyrino (2010) [8], discutindo a perda da subida do clítico no Português Brasileiro, sugere que o PB tinha construções do tipo FI, mas, com a perda dessas construções, perdeu-se também a subida do clítico. Considerando alguns autores, como, por exemplo, Martins (2006), Pagotto (2002), entre outros, no que se refere à história do PB, a linguista nos mostra que as estruturas causativas foram as primeiras a passarem por mudança, no que diz respeito à perda da subida dos clíticos. Deste modo, conforme a autora, as construções causativas do PB não são mais estruturadas do tipo predicado complexo, na forma 'verbo causativo finito' + 'verbo infinitivo'.

A autora mostra que a perda de FI foi desencadeada por sentenças causativas do tipo (10) e (11). Para ela, no PB moderno, ao invés de causativas FI, encontramos apenas "make-causatives". O fato interessante é que, de acordo com a autora, nessas sentenças, não se observa o fenômeno de Marcação Excepcional de Caso (do inglês *Exceptional Case Marking*; daqui em diante ECM). Para endossar essa hipótese, ela considera a proposta de Farrell (1995) e Hornstein (2003), que se refere à instância de "backward control", que, em síntese, significa "se um pronome está presente na oração encaixada, e é marcado como nominativo, está ligado anaforicamente a uma categoria nula na oração principal" "if a pronoun is present in the lower clause: it is nominative marked, and it is anaphorically bound by a null category in the matrix clause" (p. 1). Essa proposição é representada pela sentença em (12).

- (12) A menina mandou Ø_i [elei sair].

Cyrino argumenta ainda que a perda da subida do clítico no PB se deve ao fato de que "(...) the intervening non-defective non-finite T prevents clitic incorporation into the upper verb." (p. 1). Ou seja, como ela mesma propõe, um T não-finito não-defectivo impede a incorporação do clítico no verbo superior.

Baseando-nos, portanto, em Perini (1977), Borges (2008) e Cyrino (2008, 2010) podemos afirmar, no que se refere à realização do *causado*, que, diferentemente do italiano, como propõe Guasti (1996), as estruturas causativas do PB atual possuem uma configuração sintática particular, a saber: a realização do *causado* à esquerda do verbo da oração completiva, e não à direita, como um dativo ou oblíquo, como mostrado para o italiano. Configura-se, desta forma, uma provável variação paramétrica. E mais, para o PB, como nos mostrou Cyrino, não há construções do tipo FI, como no italiano, haja vista que o *causado* é realizado como um acusativo, como defende, entre outros autores, Salles (2010)[9].

2 CAUSATIVAS DO PB COM VERBOS INACUSATIVOS NA CLÁUSULA SUBORDINADA

Neste trabalho, assumimos a proposta apresentada por Perini (1977), no que se refere às orações completivas infinitivas como sendo complemento dos verbos causativos – uma ideia já presente nos estudos tradicionais. Assumimos também a abordagem de Kayne (1975)[10] e Guasti (1996), em relação à distinção entre causativas FI e FP. Partilhamos com Borges (2008) a ideia de que no PB atual identifica-se uma preferência pelo uso da estrutura causativa com o verbo da oração subordinada no infinitivo e com o causado realizado sem preposição, anteposto ao verbo, diferentemente do Italiano, e em outras línguas românicas.

Baseando-nos também em Cyrino (2008, 2010), afirmamos que o PB não possui construções do tipo FI. Duas possibilidades de análise existem para a configuração encontrada no PB. Em uma delas, o causado é um acusativo, realizado em configuração ECM. Outra possibilidade é que a causativa seja uma instância de “backward control”, que se caracteriza por (i) ocupar a posição intermediária entre o verbo causativo e o verbo infinitivo da oração subordinada; (ii) poder realizar-se como pronomine nominativo, anaforicamente ligado a uma categoria nula na oração principal, como representado em (12), e (iii) ter realização nula no domínio superior. Percebemos ainda que quando o causado é um clítico reflexivo, ele se move para uma posição adjacente ao verbo causativo, o que em alguns contextos sintáticos resulta em casos de agramaticalidade.

Como evidência para a segunda configuração, consta a ocorrência de construções como (13), em que o causado é realizado tanto na matriz quanto na oração completiva:

- (13) Ela me mandou eu sair.
(exemplo adaptado de Cyrino 2011)

Observarmos também que, no PB, a gramática licencia um número maior de construções com os verbos ‘fazer’ e ‘deixar’, do que com o verbo ‘mandar’, como nos exemplos (1) e (2). Além disso, verificamos que o verbo ‘deixar’ licencia um maior número de construções do que os verbos ‘fazer’ e ‘mandar’, quando a reflexivização está envolvida, como nos exemplos (3) e (4).

Nesta seção, examinamos essa questão, considerando, particularmente, o contraste ilustrado em (13) e (14).

- (13) Eu fiz/deixei cair o véu
(14) *Eu me fiz cair

A partir da observação dessas estruturas, verificamos que, além dos fatores paramétricos citados na seção anterior, relativos à realização das construções causativas, existem fatores independentes que determinam a ocorrência das construções causativas. Levantamos a hipótese de que os verbos causativos apresentam propriedades seletivas distintas, havendo ainda uma implicação entre ‘fazer’ e ‘mandar’, que se define como

a seguir: se ‘fazer’ não ocorre, então ‘mandar’ também é excluído’. A hipótese que desejamos investigar é que tais fatores estão relacionados às seguintes propriedades: (i) a natureza do verbo da sentença subordinada, no que se refere ao aspecto e à transitividade; e (ii) a ocorrência da reflexivização da estrutura causativa.

De acordo com os estudos gerativos, são inacusativos os verbos que possuem um único argumento que é gerado na posição de argumento interno. Em termos de estrutura argumental, os verbos inacusativos possuem um argumento interno direto e nenhum argumento externo, como explicitado em (15).

- (15) Verbos Inacusativos: __[VP V [NP/CP]]

Outra característica sintática, típica dos verbos inacusativos é o fato desses verbos serem incapazes de atribuir caso acusativo ao seu argumento interno. Em termos da análise gerativista, conforme observado em Raposo (1992) [11], ‘na estrutura profunda, o argumento interno recebe o papel temático e depois, na estrutura superficial, é movido para uma posição não temática de sujeito, para que lhe seja atribuído um caso, isto é, o caso nominativo.

Portanto, em uma construção causativa, cujo verbo da subordinada seja um infinitivo inacusativo, o *causado* é o argumento interno do verbo inacusativo, que pode aparecer a sua direita, como em (13). Contudo, conforme já observamos, este *causado* pode também ser realizado à esquerda do verbo, conforme (16).

- (16) Eu deixei/fiz o véu cair.

A pergunta que fazemos é por que o causativo ‘mandar’ no mesmo contexto sintático dos causativos ‘fazer’ e ‘deixar’ resulta em casos de agramaticalidade como verbos encaixados ‘inacusativos’, a que se acrescenta a observação de que verbo inergativos não estabelecem tal restrição, conforme ilustrado em (17):

- (17) Eu deixei/mandei/fiz o menino dormir.

Duarte e Gonçalves (2001) [12] afirmam que há entre os causativos restrições de ordem semântica. Segundo as autoras, o causativo ‘mandar’ impõe restrições de intencionalidade sobre o causador e o causado que são características de verbo declarativo de ordem, como podemos observar em (18), que é sintaticamente semelhante ao exemplo (2). Ainda de acordo com as autoras, diferentemente do causativo ‘mandar’, os causativos ‘fazer’ e ‘deixar’ não impõem tal restrição semântica sobre o causador e o causado, como em (19) e (20).

- (18) *O menino mandou as laranjas cair.
(19) O pó fez os meninos espirrar.
(20) O menino deixou as laranjas cair.

Parece seguro afirmar, entretanto, que o argumento externo do verbo causativo ‘fazer’, considerando-se o papel temático que lhe é atribuído, não funciona como agente voluntário, mas sim como

um motivador ou causador não agentivo, que desencadeia a causação, o que se estende para o verbo 'deixar'.

Conforme a proposta de Duarte Gonçalves, a agramaticalidade de (2), e também de (18), em termos semânticos, explica-se pelo fato de que o verbo causativo, nesse caso, o verbo 'mandar', possui propriedades seletivas distintas e, por isso, impõe restrições para a seleção dos seus argumentos, que deverão possuir um traço de [agentividade]. Contudo, ao que nos parece, esta proposta não se aplica à sentença em (14), na qual se percebe traços de agentividade no argumento do verbo infinitivo, mas mesmo assim ela é agramatical.

A agramaticalidade da sentença "*Eu me fiz cair" está diretamente relacionada à reflexivização da estrutura causativa. O clítico reflexivo *-me*, argumento interno do verbo infinitivo, ocorre proclítico, adjacente ao verbo causativo, coindexado com o pronome 'eu', na matriz, conforme representamos em (21). Tal restrição não é observada quando o clítico reflexivo tem um correferente diferente do sujeito da matriz, conforme ilustrado em (22).

(21) *Eui mei fiz Ø_i [cair Ø_i]

(22) Pedro_j mei fez/ mandou [cair Ø_i]

Os dados mostram que a reflexivização da estrutura causativa não é licenciada quando estão envolvidos os verbos 'mandar' e 'fazer', em que o complemento é um verbo inacusativo no infinitivo. Esse fato pode ser explicado em termos da estrutura dos verbos inacusativos, conforme referida anteriormente: sendo o argumento interno vinculado à posição de sujeito por uma operação da gramática, pela qual recebe o caso nominativo, não é possível realizar a reflexivização, conforme (23):

(23) *Eu me caí

No entanto, a ocorrência da reflexivização é licenciada com o verbo causativo 'deixar', conforme (3), repetido em (24).

(24) Eu me deixei cair

Diante do contraste entre os verbos 'fazer'/'mandar', por um lado, e 'deixar', por outro, e considerando a impossibilidade de realizar a reflexivização de verbos inacusativos, a conclusão é a de que (24) não envolve reflexivização do verbo da oração infinitiva, mas do verbo 'deixar', a que se segue a indexação com o argumento do verbo 'cair' – o que não se aplica aos verbos 'fazer' e 'mandar'.

Essa abordagem vem fortalecer a análise da construção causativa como uma instância de 'backward control': diante da realização sintática do argumento *causado* tanto no predicado matriz, quanto no predicado subordinado, é possível estabelecer a relação anafórica entre o pronome reflexivo no predicado 'deixar', com o argumento do predicado inacusativo encaixado, conforme exemplificado em (25):

(25) Eui mei deixei [Ø_i [cair Ø_i]]

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, examinamos a sintaxe construções com verbos causativos no PB, considerando, particularmente, o licenciamento das estruturas em função do tipo de verbo causativo (*mandar, fazer, deixar*). Verificamos que o verbo 'mandar' impõe restrição de agentividade ao *causado*, o que não ocorre com 'fazer' e 'deixar', em que a restrição é que o *causado* seja interpretado como motivador não agentivo em relação à causação descrita. Diante disso, verbos inacusativos, em que o argumento interno não é agentivo, podem ocorrer na oração encaixada. Ficou também demonstrado que existe restrição à ocorrência do verbo 'fazer' (e, por implicação, também 'mandar') na configuração em que o argumento do predicado encaixado é correferencial ao causador, o que pressupõe uma situação de reflexivização. Tal restrição não se aplica ao verbo 'deixar'. Esse contraste veio confirmar a análise em que a configuração causativa projeta uma posição na oração matriz e outra posição na oração subordinada (infinitiva), as quais são coindexadas. Por motivos semânticos, a coindexação ao sujeito do verbo causativo é restrita ao verbo 'deixar'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] CHOMSKY, Noam. (1981). *lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht, 1981
- [2] CHOMSKY, Noam. (1986). *The Knowledge of language: is nature, origin and use*. New York: Praeger.
- [3] PERINI, M. A. (1977) *Gramática do infinitivo português*. Petrópolis: Editora Vozes.
- [4] NOONAN, M. (1985). "complementantion". In: SHOPEN, Timothy (org). *Language typology and syntactic descriptions - Vol II Complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press.
- [5] GUASTI, M. T. (1996) *Semantic restrictions in romance causative and the incorporation approach*, in *Linguistic Inquiry*, vol. 27, n2, pp. 294-313.
- [6] BORGES, D. C. (2008) *Construções causativas na diacronia do Português do Centro Oeste. Séculos XVII a XX*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- [7] CYRINO, S. (2008) *On Complex Predicates in Brazilian Portuguese*. In: *Iberia: An International Journal of Theoretical Linguistics* vol 2.2, 2010, 1-21.
- [8] CYRINO, S. (2010) *On Romance syntactic complex predicates: why Brazilian Portuguese is different*. *Estudos da Língua(gem)*. 8(1).
- [9] SALLES, H. M. L. (2010) *Causative constructions in Brazilian Portuguese*. In: *IV Workshop Romania Nova, 2010, Campos Do Jordão, SP*.
- [10] KAINÉ, R. S. (1975) *French syntax: The transformation cycle*. Cambridge, Mass: MIT Press
- [11] RAPOSO, E. P. (1992). *Teoria da Gramática: a Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho
- [12] DUARTE, I.; GONÇALVES, A. Construções causativas em português europeu e em português brasileiro. In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001. p. 657-671.